

NOTÍCIA

Cenário Ensino Médio

O uso de aplicativos de interatividade, redes sociais e aparelhos de alta resolução estão dentro das salas mais modernas. A fórmula clássica - texto a giz no quadro, cópia no caderno e resolução de exercícios - adotada pelas escolas está em transformação: a folha de papel pode dar lugar ao tablet, e a explicação do professor ganha ares de cinema com projeções em 3D. A aposta nesse tipo de recurso ocorre em qualquer etapa, mas, no Ensino Médio, costuma facilitar a gestão do professor. Dados do TIC Educação 2013, pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras feita pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil, mostram que o uso de recursos digitais para o preparo de aulas ou em atividades com os alunos já é comum entre docentes (96%). Entre os conteúdos mais acessados pelos educadores, estão ilustrações, fotos, textos, questões de provas, vídeos, filmes e animações. Em menor medida, foram mencionados jogos e softwares. O uso de aplicativos de celular para criar um ambiente mais interativo e dinâmico tem sido uma das principais apostas dos professores mais conectados. Mas caso não seja usada para o estudo, a tecnologia pode atrapalhar a classe. O professor de biologia Maurício Marczewski, do Colégio Anchieta, aponta o uso indevido do celular durante a aula como um dos principais problemas. Já para Cíntia Inês Boll, professora da Faculdade de Educação da UFRGS e coordenadora da área de Tecnologia em Educação do Departamento de Estudos Especializados, o bônus em utilizar a tecnologia é maior que o ônus. No Ensino Médio, os estudantes estão mais maduros, dá para ser mais direto e indicar os momentos corretos de usar o smartphone. Falta mais planejamento específico e prático sobre o uso da tecnologia em aula. Pode ser que, no futuro, se tenha mais digital e menos impresso. Mas hoje, o problema é inserir esses elementos. É o primeiro passo – pondera Cíntia.

Fonte: [Aparatos tecnológicos ganham espaço em sala de aula](#) (Zero Hora Educação, 16 julho 2015)

Cenário Ensino Superior

No prédio de número 1145 da Market Street, está instalada uma universidade criada em 2012 e que tem a ambição de revolucionar mais de 350 anos de ensino superior nos Estados Unidos. A Universidade Minerva não tem um campus tradicional, composto de salas de aulas, bibliotecas e laboratórios. A única estrutura física é o prédio onde os estudantes moram. As aulas — nas áreas de ciências da computação, ciências sociais, ciências naturais, artes e humanidades — são todas por videoconferência. Professores e estudantes, em grupos pequenos, conectam-se a uma plataforma de vídeo parecida com um bate-papo online em que todos interagem pela internet — mesmo estando separados pelas paredes dos dormitórios. O primeiro ano do curso é feito em São Francisco. Nos três anos seguintes, a cada semestre os alunos moram em um país diferente. A primeira turma da Minerva, que ingressou no segundo semestre do ano passado, irá para Berlim e, na sequência, Buenos Aires, Seul, Bangalore, Londres e Istambul. A inspiração para criar a Minerva veio da experiência acadêmica de seu fundador, Ben Nelson. Quando estudava em Wharton, na escola de negócios da Universidade da Pensilvânia, Nelson se incomodava com as aulas para plateias formadas por centenas de alunos. Decidido a investir num projeto de educação diferente, ele procurou em 2010 o neurocientista Stephen Kosslyn, um dos maiores especialistas em psicologia cognitiva do mundo, que aceitou a tarefa de montar uma universidade em um ambiente virtual e criar uma nova dinâmica de ensino. O modelo de aula-palestra foi abandonado e, em seu lugar, entrou outro chamado flip-ped classroom. Criado nos anos 90 nos Estados Unidos, o flipped class-room pressupõe que os estudantes falem mais do que o professor. Com duração de 1 hora e meia, as aulas são gravadas e servem para que os professores avaliem o desempenho de cada aluno. As notas são dadas com base na qualidade das intervenções. Para os alunos, um dos principais atrativos da Minerva é o baixo custo. Enquanto um

ano acadêmico nas universidades Yale ou de Princeton varia de 63 000 a 68 000 dólares, a anuidade da Minerva é de 28 000 dólares — os gastos com moradia e alimentação estão incluídos nesse valor. O preço baixo é decorrência da inexistência de um campus e da utilização de material didático gratuito. Guilherme Nazareth, único brasileiro a participar da primeira turma, está atualmente fazendo estágio no Learn Capital, um dos principais fundos que investem em startups de educação no mundo. Por causa de sua proposta arrojada, a Minerva acabou virando alvo de críticas nos Estados Unidos. A falta de um campus pode gerar economia, mas também é um ponto polêmico. Diversos estudos indicam que uma infraestrutura física adequada é importante para atingir bons resultados acadêmicos. Por fim, a Minerva, com sua estrutura física enxuta e política de preços baixos, pouco investe em pesquisa — área que consome muitos recursos nas universidades de ponta.

Fonte: [A faculdade startup que quer revolucionar o ensino superior](#) (Exame, 27 julho 2015)

PREMIAÇÃO

Pensar em um futuro mais sustentável e tentar por fim a problemas sociais virou meta de muitas instituições. Por conta disso, o MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts) resolveu premiar jovens inovadores brasileiros. Pelo segundo ano, a revista MIT Technology Review, em parceria com a Fundação Estudar e do Banco Interamericano de Desenvolvimento, vai elaborar uma lista dos mais destacados jovens pesquisadores, inovadores e empreendedores do país com menos de 35 anos. Os interessados devem fazer a candidatura através do link <http://www2.technologyreview.com/tr35brazil/nominate/> até o dia 27 de agosto e precisam ser criadores de uma tecnologia inovadora capaz de dar solução às principais necessidades e carências da população brasileira.

Fonte: [MIT vai premiar os jovens brasileiros mais inovadores](#) (InfoMoney, 28 julho 2015)

REPORTAGEM

Como tudo o que é novo na educação, o empreendedorismo nas escolas também gera polêmica. Os questionamentos dos educadores e especialistas que analisam a questão se iniciam em aspectos básicos — Como se ensina empreendedorismo? Deve-se colocar uma disciplina sobre isso no currículo? Quando, em que ano de formação? Que disciplinas devem ser retiradas da grade para que ele entre nas escolas que trabalham com o aluno em período parcial? —, mas acabam convergindo para aspectos teóricos, mais complicados de serem respondidos.

Fonte: [O empreendedorismo invade a educação](#) (Educaional)